



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE HOMENS ACUSADOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Joice Pereira dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: joicepereirauesb@gmail.com

Ligia Fernandes Barbosa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: ligiafernandesb@gmail.com

Odilza Lines de Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: odilzalines@uesb.edu.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir os padrões de masculinidades que emergiram de uma pesquisa realizada a partir dos registros de atividades grupais e acompanhamento individual com pessoas acusadas de violência doméstica. A temática deste trabalho está dentro da problemática de gênero, tendo como objeto de investigação o discurso dos autores de violência contra a mulher que estavam em cumprimento da medida protetiva na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, no período de julho de 2018 a maio de 2019. Partindo da perspectiva de que a violência doméstica é “toda agressão ou violência perpetrada dentro do contexto de uma relação interpessoal significativa” (HUSS, 2011, p. 248), é preciso ampliar o olhar e enxergar que esta não ocorre apenas nas relações conjugais, sendo possível haver violência em qualquer nível afetivo. Desta maneira, neste trabalho pretende-se discutir os padrões de masculinidades que emergiram nas narrativas coletadas de um banco de dados composto de relatórios provenientes das atividades que tiveram como público, homens acusados de violência doméstica.

Muszkat (2006) afirma que existem perspectivas diversas para compreender o masculino e o feminino. Partindo da perspectiva de que o gênero é uma construção social, ou seja, as concepções de feminino e masculino são estruturadas a partir da cultura. A masculinidade hegemônica é formada por características que são tidas socialmente como de homem, relacionadas à virilidade. No que diz respeito à produção de pesquisa com a temática de violência contra mulher, é de suma relevância também à discussão sobre os

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



perpetradores, para assim, intervir no ciclo da violência. Ressalta-se que compreender as masculinidades dos homens envolvidos em situação de violência é significativo para pensar o desenvolvimento de ações de intervenção dentro dos ciclos de violência.

O percurso metodológico para identificar “os padrões” de masculinidade dos autores de violência contra mulher foi percorrido através da pesquisa qualitativa. Para compreender os sentidos, crenças e significantes relacionados às masculinidades foi utilizada a Análise de Conteúdo, como forma de compreender além do falar. De acordo Minayo (2014), a análise de conteúdo é feita através de narrativas, documentos e depoimentos, visando uma problematização mais complexa, indo além do sentido exposto do elemento, a maioria dos procedimentos relacionados a esta se relaciona as estruturas semânticas com as estruturas sociológicas dos assuntos e argumentos, associando aos aspectos (fatores psicossociais, contextos e o desenvolvimento da produção dos enunciados) que indicam suas particularidades.

A análise será realizada a partir de falas recolhidas dos relatórios destacados de uma amostra de (42) homens. Desta amostra, foram recolhidas falas de 10 homens com idade entre 34 a 60 anos, dos quais 8 cumpriam medida protetiva acusados de ameaça (Petter, Raul, Saulo, Tito, Will, Xico, Yan) e 2 por lesão corporal (Jhon, Valdo e Zito). É importante ressaltar que os nomes aqui apresentados são fictícios e todos os sujeitos envolvidos na pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

DISCUSSÃO

Na psicanálise, a construção social erudita do discurso laciano configura posições e atributos do masculino e do feminino. Onde o masculino ocupa espaço como sujeito da sexualidade e o feminino como objeto da sexualidade. (MACHADO, 2001).

Crianças do sexo masculino são incentivadas a não chorar, a brincar de carrinho e são repreendidas quando querem brincar de “casinha”, assim, os papéis vão sendo estabelecidos desde a infância. Há indícios nos discursos dos sujeitos da pesquisa da função social enraizada que o homem assume na sociedade, o provedor Xico disse: *“Fiz de tudo por ela... Dava todo o dinheiro para ela, ela não reconheceu, não fui reconhecido”*; *“Quando a pessoa gosta e não dá valor, perde”*, discurso que aproxima-



se ao de Yan que falou: “*A mulher tinha tudo, carro, moto... Fazia as vontades*”. Percebe-se que nas falas apresentadas há a demonstração que a responsabilidade de pai e marido está em torno dos aspectos financeiros, e de provedor aquele que “coloca o pão em casa”. Machado (2001) destaca a categoria da honra, a masculinidade possuidora de responsabilidades, ligando-se a ideia de família e paternidade, associando assim, a ideia de “provedor”. Sendo assim, a autora acentua: “Ser homem é associado a ser possuidor da honra do homem, assentada em dois pilares: a assunção da responsabilidade de pai e marido que ‘não pode deixar faltar nada’, e ter uma mulher respeitada” (MACHADO, 2001, p.14).

Diversas vezes, cumprir o papel de provedor era, para esses homens, uma forma de medir a qualidade do relacionamento, desde que a companheira também cumprisse o papel esperado. Valdo, por exemplo, ao responder como era a sua relação, afirmou “*Era bom, ela fazia comida, as coisas de dentro de casa, eu levava a feira certinho.*” É possível perceber uma posição rígida e funcional sobre os papéis dentro da relação conjugal, o que corrobora a ideia de Machado (2001), quando assevera que os relacionamentos maritais sempre foram marcados pela ideia de contrato, onde estão subentendidas as funções dentro da relação interpessoal e patrimonial. Diante disso em relações onde surge algo disfuncional na dinâmica do casal, que foge do que já é subentendido, a resolução pode tornar-se laboriosa quando o diálogo e reflexão sobre a relação não é recorrente. Como no caso de Jhon, que afirmava “*Não tinha ciúmes, tinha os conflitos*” “*Não havia diálogo... e ficava tudo bem*”. Ou de Tedd, que ao falar da relação disse que “*em 20 anos de casamento a gente nunca conversou, era só coisa da casa, do dia a dia*”.

O segundo pilar da honra masculina é de ter uma mulher respeitada. Espera-se que a mulher siga os padrões femininos criados culturalmente, voltados para as funções de cuidado do lar, maternagem e da família. Zito afirmou: “*Parecia que era solteira*” e “*eu fazia tudo, ela não ligava para a família*”. Esse pensamento coloca a mulher em um lugar não só de mãe, mas também de cuidadora do marido, como é visto na fala de Jhon ao apontar a falta da ex-mulher, não só para a família, mas também com ele: “*Não tinha (dela) um acolhimento como esposa*”.

Will ao falar das discussões com a ex-mulher, coloca: “*Falou que tem casa, carro... e disse: “Não te vejo mais como homem”; “Perdeu o interesse pelos filhos e pela*



casa”. Nesta fala demonstra que quando a mulher consegue uma ascensão econômica, o homem inconscientemente é conduzido a uma mudança de posição, logo deixa de sentir-se como o provedor, e conseqüentemente de “ser homem”. Miranda e Ramos (2014) acentuam que a posição do objeto *a* é o local que Lacan dá à mulher no fantasma do desejo masculino, e nesse tipo de relação a mulher faz semblante e coloca-se no lugar do objeto que falta. Quando isso não acontece, o lugar do homem fica ameaçado. Além de Will, Zito também assegura “*Ela não sentia nada por mim, é como se eu fosse um objeto descartável*”. “*Não sou perfeito, tenho defeitos*”. Sendo assim, com “medo” da perda ou da mudança da posição do desejo da mulher, o homem passa ao ato (ameaça, violência), pois inconscientemente a perda remete à castração.

Outra posição que se destaca dentro da construção da masculinidade é a frustração diante do direcionamento do desejo feminino para outros objetos que não o parceiro e a família, mas, o desejo para um novo trabalho, novas relações sociais, ou um novo relacionamento (no caso das separações), o medo dessa frustração gera vigilância que aparece em demonstrações de ciúmes. Os ciúmes estão presentes na expressão de Petter ao se referir a mensagens de aplicativo que leu entre sua companheira e outra pessoa. “*As conversas [com outras pessoas] não tinham nada demais, porém, eram diálogos que ela não tinha comigo*”. Após, essa situação Petter relatou que passou dias com desconfiança, o que resultou nas ameaças. “[...] os ciúmes parecem operar como um ‘coringa’, aquele significante que permite o travestimento das questões amorosas em questões de poderes e direitos e vice-versa” (MACHADO, 1998, p.32).

Outro ponto importante sobre os ciúmes é o medo da perda do objeto de amor pelo homem, percebe-se nas falas dos sujeitos que a mudança na dinâmica da vida sexual é tida como sinal da entrada de um terceiro para explicar o deslocamento do desejo da mulher. Raul falava que durante quatro meses havia um “*clima estranho*” na relação com a companheira, quando a procurava sexualmente não acontecia “*nada*”, passou a ficar desconfiado e durante esse período conversavam pouco. Afirmou que a situação motivou o seu descontrole ao dizer: “*Se você me trair, eu te mato*”. Ao relatar o ocorrido disse que “*era impossível nesta situação não pensar em traição, que qualquer homem pensaria*”. Há uma espécie de justificativa do ato violento no discurso, onde “ser homem” passa pela defesa da honra.



Destaca-se também, a posição de poder e disciplinar que o homem busca exercer sobre a mulher, entranhado na cultura, manifestou na narrativa de Zito “*Estava deitado na cama e a mulher estava ‘enchendo’ (perturbando), fiquei chateado e peguei no braço dela*”. Machado (2001) assevera que a partir da escuta dos agressores em relação à violência, percebeu que a justificativa e o sentido estavam ligados ao contrato social, o ato é considerado “corretivo”, ou seja, a violência é vista como uma forma de disciplinar ou demonstração de poder.

Diversas insatisfações compõem os enredos amorosos, insatisfações essas que apontam para a falta, por remeter a uma ferida narcísica do sujeito estabelecida inconscientemente no processo de desenvolvimento infantil a partir da dissolução do complexo de Édipo. Para Levy e Gomes (2011, p.56) “[...] a incapacidade de elaborar a ferida narcísica decorrente do fim da relação dificulta que cada parceiro assumira sua parte de responsabilidade na história que vinha sendo conjuntamente escrita”. Com isso é comum nas falas analisadas neste trabalho a postura, as atitudes, as falas como disparadores/propulsores dos conflitos e que os afetam narcisicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir masculinidades envolvidas em situação de violência doméstica perpassa pela construção social do masculino e do feminino, e dos modelos relacionais estabelecidos no decorrer da história. Engloba também a busca pelo objeto de desejo, a rejeição da frustração, o masculino como o sujeito desejante e o feminino como o objeto de posse e satisfação.

A prevalência dos discursos apresentados no presente trabalho demonstra, ainda que de forma inconsciente, que as ideias sobre relacionamentos dos homens contemporâneos fundamentam-se na construção de suas masculinidades, onde ser provedor, respeitado, desejado (como único) é necessário para “serem homens”. Os deslocamentos dos pilares que sustentam a honra e a identidade desses sujeitos enquanto homens provocam a passagem ao ato por não conseguirem se deparar com a falta. Os estudos sobre as masculinidades e violência ainda encontram espaços para aprofundar nas nuances do masculino, da honra, do desejo, rivalidade, virilidade e das elaborações que são feitas (ou não) por esses sujeitos durante as rupturas.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Violência Doméstica; Gênero; Homens e Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

HUSS, Matthew T. **Psicologia Forense:** pesquisa, prática clínica e aplicações. Brasil: Artmed, 2011. 432 p.

LEVY, Lidia; GOMES, Isabel Cristina. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanal.** Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 45-57, jun. 2011

MACHADO, Lia Zanotta. 2001. **Masculinidade e Violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea.** Série Antropologia. Brasília: UNB.

MACHADO, Lia Zanotta; MAGALHÃES, Maria Teresa Bossi de. **Violência conjugal:** os espelhos e as marcas. Série Antropologia, 1998.

MINAYO, Maria Cécilia de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. ed.14. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares Miranda; RAMOS, Juliana Souza. “Uma mulher é espancada”: a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v.4, n.1, 2014.

MUSZKAT, Susana. **Violência e masculinidade:** uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2006.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO